

Maria Ciavatta
Ana Paula Marinho de Lima
Clarice Schüssler
Elvira Fernandes de Araújo Oliveira
Francisca Leidiana de Souza
Francisco das Chagas Silva Souza
Ísis de Freitas Campos
José Lúcio Nascimento Júnior
Lisia Cariello
Marcelo Lima
Maria Augusta Martiarena
Olívia Morais de Medeiros Neta
Renata Reis
Rosângela Aquino da Rosa
Sânia Nayara Ferreira

Apoio

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq)
Bolsa de Produtividade em Pesquisa

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Bolsas de Iniciação Científica

Maria Ciavatta *et al.*

Fotografia como fonte de pesquisa

Da História da Educação
à História de Trabalho-educação



lamparina



NAVEGANDO

Fotografia como fonte de pesquisa:
da História da Educação
à História de Trabalho-educação

Maria Ciavatta
Ana Paula Marinho de Lima
Clarice Schüssler
Elvira Fernandes de Araújo Oliveira
Francisca Leidiana de Souza
Francisco das Chagas Silva Souza
Ísis de Freitas Campos
José Lúcio Nascimento Júnior
Lisia Cariello
Marcelo Lima
Maria Augusta Martiarena
Olivia Morais de Medeiros Neta
Renata Reis
Rosângela Aquino da Rosa
Sânia Nayara Ferreira

Apoio
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico
Universidade Federal Fluminense

© Lamparina editora

Direção
Tereza Andrade

Direção de arte
Fernando Rodrigues

Revisão
Lurdes Lucena

Imagem da capa
Cartier-Bresson, H. Henri Cartier-Bresson, Atenas,
Grécia, 1953, *Photo Poche*, n. 2. Paris: CNP, 1987,
p. 47, *apud* Linhares Filho, 2004, p. 81.

Esta obra foi composta em Akzidenz Grotesk,
Big Caslon e Miller e impressa em papel
Alta Alvura 75g/m² e cartão Supremo 250g/m²
pela Rotaplan para a Lamparina editora.

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os
direitos morais, autorais e de imagem neste livro.
A Lamparina editora agradece qualquer informação
relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que
estejam incompletos nesta edição, e terá o maior
prazer de fazer as creditações necessárias na primeira
oportunidade.

CIP-Brasil
Catalogação na fonte do Sindicato Nacional
dos Editores de Livros

F859
Fotografia como fonte de pesquisa : da história da
educação à história de trabalho-educação /
Maria Ciavatta ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Lamparina, 2023.
240 p. : il. ; 24 cm.
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-88791-23-3
1. Imagens como recursos de informação.
2. Comunicação visual.
3. Fotografia - História.
4. Educação - História.
I. Ciavatta, Maria.
II. Título.
23-82874
CDD: 302.226
CDU: 77.03



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária
CRB-7/6643

Todos os direitos desta edição reservados à
Lamparina editora
Rua Joaquim Silva, 98, sala 201, Lapa
CEP 20241-110, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
21 2252 0247
www.lamparina.com.br
lamparina@lamparina.com.br
Facebook editoralamparina
Instagram lamparinaeditora

Sumário

Prefácio, A fotografia como fonte de pesquisas
Boris Kossoy
9

A memória do tempo da fotografia: uma apresentação
Maria Ciavatta
15

História de Trabalho-educação

1. O passado no presente: memória e história fotográfica
das lutas do Sintuperj (2000–2006)
Maria Ciavatta e Sânia Nayara Ferreira
35

2. Trabalho e fotografia: um estudo sobre o trabalho ambulante
no Rio de Janeiro, durante a gestão do prefeito Pereira Passos
Maria Augusta Martiarena e Clarice Schüssler
62

3. O cotidiano dos espaços educativos e correccionais do SAM
(1959–1961): a fotografia dos internos(as) como objeto de pesquisa
Marcelo Lima e Lisia Cariello
86

História da Educação, Ciência e Cultura

4. Com pífanos, danças e bordados também se escreve a história
da educação: fotografias do Mobral Cultural em Alagoas
Francisco das Chagas Silva Souza,
Elvira Fernandes de Araújo Oliveira
e Ana Paula Marinho de Lima
115

5. A Expedição Thayer e uso da fotografia:
usos e abusos em nome da ciência
Renata Reis
147

6. A cultura material em fotografias:
memória e história da educação profissional (1909–1985)
Olivia Moraes de Medeiros Neta, Isis de Freitas Campos
e Francisca Leidiana de Souza
169

História, Fotografia e fotógrafos

7. Henry Cartier-Bresson:
“o instante decisivo”, fotografia, arte e história
Maria Ciavatta, Olivia Moraes de Medeiros Neta
e Rosângela Aquino da Rosa
193

8. O Brasil sob as lentes de Marc Ferrez: fotografia e construção
da nação entre o Segundo Reinado e a Primeira República
(1875–1910)
José Lúcio Nascimento Júnior
215

Referências bibliográficas
223

Lista de fotografias, figuras e quadros
229

Índice remissivo
230

Sobre os autores
238



Cartier-Bresson, H. Henri Cartier-Bresson, Atenas, Grécia, 1953, *Photo Poche*, n. 2. Paris: CNP, 1987, p. 47, *apud* Linhares Filho, 2004, p. 81.

Nesta foto de Cartier-Bresson, o tempo escorre pelas paredes desgastadas, memória de um tempo da arquitetura artística com as duas esculturas femininas, juvenis, que sustentam um balaústre, aparentemente, sem propósito. Abaixo, frágil cobertura envelhecida protege as portas e os passos de duas senhoras que caminham sob as marcas do tempo que segue, mas se condensa sob o olhar do fotógrafo.

*Com a fotografia descobriu-se que, embora ausente,
o objeto pode ser (re)apresentado, eternamente.
É este o tempo da representação, que perpetua a memória
na longa duração. Com os ponteiros petrificados,
temos a memória sempre disponível; uma possibilidade
consistente de recuperarmos o fato.*
(Kossoy, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*,
Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 146.)

Prefácio

A fotografia como fonte de pesquisas

Boris Kossoy

O presente livro nos instiga a refletir sobre a produção de conhecimento através da fotografia. Trabalhos acadêmicos nas áreas das ciências humanas e sociais que utilizam a fotografia como instrumento de investigação, meios de conhecimento análise e reflexão que ainda eram raros no Brasil anteriormente à década de 1970. Mesmo no panorama internacional o quadro era semelhante, salvo exceções mais remotas que devem ser mencionadas relativamente aos estudos antropológicos, fortemente influenciados pelo pensamento positivista predominante, realizados a partir do final do século XIX, como a antropometria e a fotografia judiciária. Nos anos 30, os antropólogos Margareth Mead e George Bateson inauguram o uso da fotografia como método de investigação e análise científica, como bem demonstram as famosas pesquisas visuais etnográficas de culturas nativas que realizaram na ilha de Bali.

De qualquer modo, não podemos desconhecer o fato de que a fotografia, desde seu advento, foi aceita como crível, verdadeira, imparcial, instrumento fiel da realidade, reprodução exata do mundo e da vida etc. No entanto, o emprego da fotografia em outras áreas das humanas era incomum, e a História acompanhava essa tendência. Por outro lado, a produção historiográfica sobre a própria fotografia como objeto de pesquisas, análise e reflexão no Brasil e América Latina apenas dava seus primeiros passos, como bem corrobora isso a produção historiográfica, e mesmo teórica, que data também dos anos 70–80.

Naqueles anos a História ainda estava atada ao conhecimento advindo, quase que somente, pelas fontes escritas: o texto, o documento manuscrito, datilografado, impresso. Quando muito a imagem era aplicada como “ilustração” aos textos, porém jamais como documento iconográfico em pé de igualdade com a comunicação escrita. Ao contrário, os álbuns ilustrados temáticos sobre a Primeira Grande Guerra, a documentação centrada na propaganda das realizações dos governos além, é claro, das revistas ilustradas mundanas, que concediam generoso espaço para desenhos, caricaturas e fotografias demonstra bem a importância das imagens como meio de comunicação visual dirigida para o grande público. Uma cultura visual se desenhava desde os inícios do século XX.

Paralelamente ocorria uma “revolução documental” provocada pela *École des Annales*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, que estabeleceria uma dramática ampliação do conceito de documento. A iconografia através de sua variada tipologia encontraria seu lugar e importância definitiva, todavia, o movimento nessa direção demoraria ainda para acontecer. Autores como Pierre Francastel (1992, pp. 2–3), sociólogo e historiador da arte, também investiam na importância das imagens como fontes de informação:

É preciso realmente confessar que, há 400 anos, o escrito – o impresso, o livro, a estampa – tornou-se, se não o único testemunho, ao menos o modo de comunicação mais importante das sociedades. Entretanto, seria infantil pensar que os únicos valores criados pela História sejam os que a escrita consignou. É indigno do historiador afastar ou simplesmente olhar como acessórios os testemunhos referentes à vida dos homens do passado em nome de uma escolha arbitrária entre seus modos de comunicação. A Arte não é apenas o domínio das satisfações fáceis e imaginárias, ela informa atividades fundamentais.¹

1. Francastel, P. *A realidade figurativa, elementos estruturais de sociologia da arte*, São Paulo: Perspectiva, 1982.

O fato é que os historiadores, até cerca dos anos 80, ainda não haviam se convencido do emprego da imagem como fonte histórica, incluindo-se nesse rol a fotografia. As imagens, de uma forma geral, eram remetidas ao anexo dos livros e da História. Poder-se-ia dizer que persistia ainda o ranço positivista. A imagem era entendida como ilustração, adorno, algo lúdico, enfim, apesar da longa história das iconografias produzidas por gravados de diferentes temas que abrangiam a religião, a natureza, os retratos, a obra dos *costumbristas*, o vestuário, a paisagem urbana em constante transformação, a vida e o trabalho escravo. E sobre essa última temática figuram artistas notáveis como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, na primeira metade do século XIX, cujas obras fizeram sucesso na Europa e se tornaram referências plásticas exóticas sobre o Brasil. É ainda Francastel (1992, p. 29) que afirmava:

Não subestimemos o papel das antigas iconografias: elas devem ser examinadas não somente como curiosidade artísticas – isto é, no entender de muitas pessoas, acessórias – mas como os testemunhos mais diretos e amiúde os mais secretos, das grandes formas da sensibilidade coletiva.²

Na realidade, uma filosofia da fotografia apenas começava a se escrever na década de 70, isso nos grandes centros. Muito tempo se passou para que o debate epistemológico entre imagem e palavra ganhasse corpo. Sabemos que a produção historiográfica que incluiria a imagem fotográfica como objeto, método e fonte naquele período era ínfima se comparada ao crescimento exponencial que assistiria nas décadas seguintes e até o presente momento. A academia ainda necessitava de mais tempo para que as imagens comesçassem a ser consideradas sem temeridade pela legião de historiadores.

Vários temas predominaram nos livros fotográficos como os dedicados à documentação iconográfica de cidades, tendo como enfoque principal a memória dos lugares, das edificações registradas por um ou mais autores. Outros eixos editoriais centraram-se na obra fotográfica de algum profissional do passado e, também, dos contemporâneos. A fotografia de natureza foi uma das temáticas mais preferidas. Obras voltadas à história da fotografia finalmente começaram a ganhar espaço à medida que as pesquisas nessa área se sucediam. Deve-se destacar que uma historiografia centrada no uso da fotografia como fonte para as pesquisas históricas na área de História Política e Social, além da História da Educação, ganha corpo no Brasil e os resultados têm se mostrado promissores. Este livro exemplifica isso.

2. Francastel, P. *A realidade figurativa, elementos estruturais de sociologia da arte*, São Paulo: Perspectiva, 1982.

A começar pela preocupação de buscar se diferenciar das publicações tradicionais no que concerne à sua paginação em relação aos textos e ao formato. O cuidado com as imagens é fundamental num livro em que a fotografia é protagonista. Deve-se ressaltar, por outro lado, o conceito como o livro foi estruturado. Uma vez identificadas as obras que utilizavam a fotografia como fonte de pesquisa, a partir do *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes, os resumos foram organizados em tabelas (autor, título, palavras-chave, instituição). A análise propriamente dita se refere à proximidade dos ensaístas com a temática dos trabalhos específicos: trabalho-educação, trabalhadores, assistência e educação de crianças e jovens, educação profissional, cultura, ciência, arte.

Os capítulos que o compõem se acham distribuídos em três grupos: História de Trabalho-educação; História da Educação, Ciência e Cultura; História, Fotografia e fotógrafos. O fio condutor reside no uso da fotografia como fonte e instrumento de reflexão acerca das temáticas mencionadas. Isso se verifica nas duas primeiras partes. Na terceira, a ênfase é dada à fotografia (e fotógrafos) em si, como o objeto da investigação. A opção de fazer conviver esta abordagem com as demais partes do livro chama a atenção pela originalidade. Consideramos importante esse enlace entre a história da fotografia com a história através da fotografia, um caminho decisivo para uma história cultural da fotografia. Um ambiente renovado para melhor compreendermos Marc Ferrez e Cartier-Bresson.

Nesta obra coletiva, dissertações e teses foram selecionadas e analisadas por outros(as) historiadores(as). Isso é interessante porque tais análises serão também sujeitas a críticas por parte dos leitores e estudiosos das imagens. Não caberia aqui comentar um ou outro texto apresentado, apesar de ser tentadora a ideia. Essa proposição é interessante e constitui-se num diferencial em relação aos livros do gênero, enriquecendo assim o pensamento fotográfico. É notória a contribuição deste livro organizado pela Prof.^a Maria Ciavatta, se prestando como referência para seguirmos aprofundando o debate entre imagem e história.

Esta coletânea sobre o passado nos faz refletir sobre a fotografia no mundo atual da “pós-verdade”.

Apesar das ficções constituintes de sua existência, a fotografia é o elo afetivo que nos relembra, emociona e aproxima do passado. Ela importa para a identidade do indivíduo, da família, da comunidade, ela importa enquanto fonte histórica e como instrumento da memória, e esse é um fator comum nas diferentes abordagens da história. Ela é memória pelo que mantém perenemente gravado: o fragmento visual dos cenários e personagens imobilizados no gesto, presentes na representação, porém ausentes da vida. São as suas duas realidades que se superpõem sempre, conceito que abre caminho para a compreensão de sua essência.

Sem pretendermos desconsiderar sua força expressiva, o registro fotográfico não é inocente, como inocentes também não são os documentos escritos. Imagens e textos não sobrevivem sem a devida crítica específica a essas formas de expressão. Gisèle Freund, célebre fotógrafa e socióloga da escola de Manheim, afirmava há mais de meio século que:

A fotografia, embora estritamente ligada à natureza, tem apenas uma objetividade factícia. A lente, olho supostamente imparcial, permite todas as distorções possíveis da realidade, pois o caráter da imagem é determinado [...] pelo modo de ver do operador e pelas exigências de seus comanditários (Freund, 1976, p. 8).³

A imagem fotográfica também se presta à desinformação, a transmitir preconceitos e reforçar estereótipos, isto porque ela é, antes de tudo, uma verdade de aparência (iconográfica), cujo sentido é manipulado pelas palavras. Isso sempre foi assim ao longo da história da fotografia em suas múltiplas aplicações, e hoje, em função da manipulação digital, este conceito se une perfeitamente a um outro conceito recente: o de “pós-verdade”. Assim se constroem realidades.

3. Freund, G. *La fotografia como documento social*, Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

As reflexões sobre a fotografia devem ser incentivadas, basta constataremos que vivemos sob o jugo das imagens, razão por que um profundo conhecimento de suas leis e alcance deve ser empreendido por parte dos estudiosos visando a decifração dos códigos formais e culturais que lhe são inerentes. A partir de agora, as imagens como formas híbridas de representação, já se prestam a simular a iconografia de rostos, atos e fatos que nunca existiram: realidades sintéticas construídas por inteligência artificial. Qual é o futuro da história? Precisamos de mais obras que alimentem o pensamento fotográfico para melhor compreendermos os processos de criação/construção de realidades que permeiam o mundo das imagens, condição para aprimorarmos a desmontagem desses processos, que o poder e os impérios da comunicação nos submetem.

A memória do tempo da fotografia: uma apresentação

Maria Ciavatta

*Que lugar ocupa o saber histórico na vida social?
Atua a favor da ordem estabelecida ou contra ela?
É um produto hierarquizado que desce dos especialistas
para os “consumidores da história” através do livro,
da televisão, do turismo?
(Chesnaux, J. *Hacemos tabla rasa del pasado? A propósito
de la historia y de los historiadores*, México: Siglo XXI,
1977, p. 7.)*

Vivemos imersos em sons e imagens fotográficas que nos acenam com o que seria a verdade dos fatos, com a realidade sonora e visual de todos as partes do mundo. Graças ao espaço coletivo de autonomia da pesquisa em uma universidade pública, pudemos refletir na contracorrente do mundo visual digital, fragmentado e acelerado, saturado de muitas informações, mas breves, senão desconexas. Seduzidos pela fotografia, fomos aos acervos dos arquivos oficiais e às escolas buscar imagens de trabalhadores, aquelas guardadas em caixas e pastas, pelo esforço dos professores em preservar a memória de suas vidas. E foi possível recolher imagens dessa memória obscurecida pelo tempo e pelo esquecimento, as fotografias, desde o início do século passado.⁴

Esta apresentação tem por objetivo reconstruir uma trajetória de pesquisa e seus fundamentos teórico-metodológicos. Pelo trabalho realizado com um grupo de jovens pesquisadores, ousamos, praticamente, passando da filosofia à história, fazer um livro de forma a tangenciar uma meta-teoria, o exame de como alguns autores trabalham a questão epistemológica da fotografia como fonte histórica, dentro de objetos empíricos próprios. Os textos, aqui apresentados, são exercícios de reflexão sobre o próprio fazer, tendo a fotografia

4. Ciavatta, M. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900–1930), Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

como fonte de pesquisa social histórica.⁵

Refletindo, nos vimos diante do tempo inefável da fotografia, *ineffabilis*, aquilo que não pode ser descrito, dito, narrado, todavia existe. Tocamos a memória cristalizada nos segundos do tempo do *click* fotográfico, na palavra de um de seus mestres, Henry Cartier-Bresson: “§ 39. Uma fotografia é, para mim, o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, de um lado, da significação de um fato, e de outro, de uma organização rigorosa de formas percebidas visualmente que exprimem tal fato”.⁶

O fazer historiográfico, como o de todas as ciências, é um constante apelo aos marcos do conhecimento acumulado, às evidências postas à luz da crítica de categorias e de conceitos que ordenam o mundo dos conhecimentos. Na palavra de outro de nossos mestres, o fotógrafo e historiador, Boris Kossoy (2007, p. 131): “Fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência”.⁷

Ancorados nos portos de grandes águas da realidade e da teoria, e ansiosos nos espaços abertos dos aeroportos, dos voos dos grandes fotógrafos e de seus teóricos, os pesquisadores percorreram centenas de páginas dedicadas a teses e dissertações⁸ cujo campo empírico é interdisciplinar; vai do trabalho à educação, à ciência, à cultura, à arte, passando pela memória e a história dos seres humanos em seu espaço-tempo de vida e de acontecimentos. Algumas explicitações se fazem necessários sobre os caminhos teóricos e conceituais, seguidos na leitura crítica sobre a especificidade das teorias e dos objetos de estudo. E sobre como este trabalho se situa nos espaços-tempos da história.

Muitas são as concepções de história desde seus primórdios na antiga Grécia. Aqui, basta lembrar que a modernidade herdou dos iluministas a concepção da história como expressão do progresso da humanidade. Absorvemos ilusões que foram desmentidas pelas muitas guerras e terrores do século xx, pelo empobrecimento físico, político e social em que vivem os povos de tantos países, a exemplo do Brasil. Convive-se com o enriquecimento perdulário das classes no poder de pautar os rumos das políticas e do uso dos recursos do

5. O livro é o produto final da pesquisa Da História da Educação à História do Trabalho-educação: a fotografia como fonte de pesquisa histórica, proc. n. 312515/2017-0 (03/2018-02/2023), coordenação: Prof.^a Dr.^a Maria Ciavatta (Bolsa de Produtividade 1A, CNPq).

6. Cartier-Bresson, H. L'instant décisif, *Cahiers de la Photographie*, Paris, n. 18, 1985, § 39. Mantereí o número dos parágrafos desta e das demais citações de Cartier-Bresson disponíveis em: Linhares Filho, J. A. *Henri Cartier-Bresson: o acaso objetivo – propostas gráficas para uma análise comparada da fotografia no século xx*, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

7. Kossoy, B. *Os tempos da fotografia*, Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

8. Capes, *Catálogo de Teses e Dissertações*, Brasília: Capes, [s. d.], disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>>, acesso em: 13 nov. 2022.

Estado, à revelia da pobreza da população trabalhadora, de suas moradias, água, saneamento, saúde, educação etc.

E recebemos a herança dos positivistas e das religiões, cuja ideia de história ainda perdura, como a narração da verdade dos fatos. E, assim, vivemos tempos de ampla difusão pela palavra e pelas imagens de versões singelas, ao nível do senso comum, sobre o Estado e suas orientações, em que a história é o nome de uma disciplina escolar ultrapassada, porque suas ações e significados fundamentais são negados, desde a infância, à população jovem e adulta.

No século xx, a *École des Annales* promoveu o arejamento dessas concepções e a abertura para “novos objetos, novos problemas, novas abordagens” (Le Goff e Nora, 1976, 1976a, 1979).⁹ Peter Burke (1991, p. 124), no seu balanço final sobre a renovação teórico-prática, promovida pelos historiadores, afirma que “uma das conquistas do grupo foi subverter as categorias tradicionais e oferecer algumas novas, da ‘história rural’ de Bloch, nos anos 30, e a ‘civilização material’, da década de 60, à história sociocultural dos dias de hoje”.¹⁰

Mas, no presente livro, aprendemos do século xix, com Marx e Engels, que a história é a produção social da existência:

Não se deve considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar a vida, determinado *modo de vida* dos mesmos (Marx e Engels, 1979, p. 27, grifo dos autores).¹¹

Vimos que, como em muitas outras questões,¹² Marx não deu um tratamento teórico específico às noções de tempo e espaço, mas elas estão implícitas na sua concepção de realidade e no tratamento empírico e científico que ele dá aos assuntos de que trata. Tempo e espaço não são substâncias ou essências independentes, mas dimensões objetivas da realidade, das formas de produzir a vida em movimento permanente de transformação. Marx trata de um tempo da história construída por homens concretos, e da ciência da história que se constrói apenas como representação, nem como uma coleção de fatos heroicos ou curiosos, do passado, mas como uma investigação que parte dos problemas da realidade do presente para sua gênese no passado. Hugo Zemelman¹³ lembra que a importância da questão do

9. Le Goff, J. e Nora, P. *História: novas abordagens*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976; Le Goff, J. e Nora, P. *História: novos objetos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976a; Le Goff, J. e Nora, P. *História: novos problemas*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

10. Burke, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*, São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

11. Marx, K. e Engels, F. *A ideologia alemã*, São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

12. Ciavatta, M. *Mediações históricas de relação trabalho e educação: gênese da disputa na formação dos trabalhadores (1930-1960)*, Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.

13. Zemelman, H. *Uso crítico de la teoría: en torno a las funciones analíticas de la totalidad*, México: UNU, El Colegio de México, 1987.

tempo está no fato de ser este um aspecto básico na constituição do objeto de pesquisa. É, portanto, um problema das ciências em geral e da filosofia em toda a história do pensamento.

Sem considerar esta concepção um modelo a ser aplicado às teses e dissertações que pesquisamos, procuramos estabelecer uma interlocução com os autores, salientando suas categorias e referências teóricas. Apontamos, sempre que possível, as convergências e divergências com as mesmas, a maior parte situadas dentro da Nova História ou História Cultural – denominações correntes da *École des Annales* no Brasil. Para situar nossa posição, a partir do materialismo histórico,¹⁴ valemo-nos, aqui, mais uma vez de Burke (1991, p. 125),¹⁵ situando seus primeiros expoentes:

O conceito de liberdade e determinismo, ou entre estrutura e ação humana, sempre dividiu os historiadores do grupo. O que distinguia Bloch e Febvre dos marxistas de seu tempo era precisamente o fato de que não combinavam seu entusiasmo pela história social e econômica com a crença de que as forças sociais e econômicas tudo determinavam.

E. P. Thompson¹⁶ faz uma ácida crítica ao determinismo econômico, à redução do papel dos sujeitos sociais frente às estruturas; defende a relação estreita entre economia e cultura. Para Thompson (1981, p. 117), “a estrutura do processo só se revela na observação do processo no tempo”, assim como a conjuntura não é um momento congelado, mas “um momento do vir-a-ser, de possibilidades alternativas, de forças ascendentes e descendentes, de oposições e de exercícios opostos (classes), de sinais bilingues” (Thompson, 1981, p. 117).

Algumas categorias analíticas utilizadas na história cultural estão muito próximas de nossas análises, como contexto, que se aproxima de totalidade. Como alguns historiadores, entendemos o contexto como o conjunto de relações no tempo-espaço dos acontecimentos. Em ambas as categorias, contexto e totalidade, podemos tratar de processos descritivos, narrações, significados. Mas, do ponto de vista do materialismo histórico, a diferença que identificamos na primeira posição é a ausência da contradição capital e trabalho e de classes sociais no contexto da análise do espaço-tempo em que vivemos, o sistema capital e as sociedades capitalistas.

Totalidade social é um conceito encontrado em um dos poucos textos explicitamente teóricos de Marx.¹⁷ A concepção de totalidade implica o reconhecimento do movimento do abstrato das categorias

14. Marx, K. *Contribuição para a crítica da economia política*, Lisboa: Editorial Estampa, 1977; Marx, K. *O capital: crítica da economia política*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; entre outros.

15. Burke, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929–1989*, São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

16. Thompson, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

17. Marx, K. *Contribuição para a crítica da economia política*, Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

mais gerais para o concreto pensado, no qual, partindo-se do abstrato figurado – de um nome, de uma palavra – como população, que é a representação aparente de um conjunto de pessoas, se passe a (Marx, 1977, p. 228) “abstrações mais delicadas” para atingir as determinações mais simples, a rica totalidade de determinações e relações numerosas, como vivem, como trabalham, os salários, as condições de vida etc. Neste segundo momento, a população se apresenta como (Marx, 1977, p. 229) “um resultado e não um ponto de partida”. Em síntese (Marx, 1977, p. 229): “O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, a unidade na diversidade”.

Aproximando este conceito do sentido próprio ao objeto fotográfico, Cartier-Bresson tem uma concepção próxima do sentido de *Gestalt*,¹⁸ um conceito convergente com o sentido de totalidade social (Cartier-Bresson, 1985, § 20, *apud* Linhares Filho, 2004, p. 135): “A fotografia é, para mim, o reconhecimento na realidade de um ritmo de superfícies, de linhas e de valores. O olho recorta os objetos e à câmera resta fazer seu trabalho, que é o de imprimir no filme a decisão do olho. Uma foto é vista em sua *totalidade*, de uma só vez, como um quadro”.

Outro ponto de convergência teórica e conceitual está presente em Kossoy (2007, p. 133)¹⁹ quando se refere à “primeira realidade”, a do objeto real, e à “segunda realidade”, com os conceitos de essência, o real com todos os seus aspectos, e aparência,²⁰ a sua representação no objeto fotográfico, espaço-tempo e memória recriada em um novo ser, a fotografia:

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia da vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. Uma única fotografia e dois tempos, o tempo da criação, o da *primeira realidade*, o instante único da tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da *segunda realidade*, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persista em sua trajetória de longa duração (Kossoy, 2007, p. 133, grifo nosso).

Em tempo de *influencers*, de *Facebook*, *Instagram*, *Metaverso* e novas mídias cada vez mais sofisticadas; tempo de *fake news*, de fama e enriquecimento com o *marketing* de objetos e de pessoas, de problemas éticos e políticos de cancelamentos e ameaças veladas ou abertas aos *youtubers* com milhares de seguidores, as questões éticas

18. *Gestalt*, sentido de forma, a ideia ou teoria de que para compreender as partes é preciso compreender o todo.

19. Kossoy, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*, Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

20. As formas fenomênicas. Kosik, K. *Dialética do concreto*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

fazem parte da rotina da grande imprensa e de suas fotorreportagens. Mesmo considerando que os fotógrafos escolhem seus motivos e objetos fotográficos, só aparentemente, os fotógrafos fotografam para si mesmos: “O fotógrafo não fotografa para si, mas para os leitores ausentes, para os olhos que estão distantes. Tenho a responsabilidade de levar aquela imagem às pessoas que estão longe daquela cena que estou tendo o privilégio de registrar”, disse o fotógrafo Orlando Brito (2022, p. 9).²¹

Tendo como referência os principais fotógrafos e teóricos da fotografia, aqui citados, identificamos como tratam a questão ética da fotografia. Falando como foto repórter, para Cartier-Bresson (1985, p. 139):²²

32. Nós, repórteres-fotográficos, somos pessoas que fornecemos informações a um mundo apressado, prostrado de preocupações, propenso à cacofonia, cheio de seres que precisam da companhia de imagens. O atalho do pensamento, que é a linguagem fotográfica, tem um grande poder, mas nós tecemos um julgamento sobre o que vemos e isso implica numa grande responsabilidade. Entre o público e nós existe a imprensa, que é o meio de difusão de nosso pensamento.

Kossoy (2020, p. 107),²³ do ponto de vista do receptor ou intérprete, analisa que “a interpretação das imagens tem estreita conexão com a experiência, o conhecimento, as convicções morais, políticas, ideológicas, o meio social, a bagagem cultural de cada um”.

Sobre uma fotografia de Cartier-Bresson de uma família de desempregados em Madri, Ernest Haas (1985, p. 113, *apud* Linhares Filho, 2004, p. 24) escreveu: “Na fotografia de Henri, ninguém é miserável, mas todos são simples [...] a dignidade do homem não se perde para esse sociólogo lírico”.²⁴ Entendemos que a questão ética da fotografia de imprensa deve estar nos limites da dignidade dos sujeitos fotografados e de seus receptores ou leitores, mas há divergências. Em outro referencial teórico, Susan Sontag (1981, p. 23)²⁵ escreve que “o limite do conhecimento fotográfico do mundo está ao mesmo tempo em poder despertar consciências e, finalmente, em jamais ser um conhecimento ético ou político”.

Outro aspecto da pesquisa é a autoria das fotos. Neste trabalho, além de identificar o acervo ao qual pertence a fotografia, o título

21. Brito, O. O fotógrafo não fotografa para si, mas para os olhos que estão distantes, *O Globo*, Política, 12 mar. 2022.

22. Cartier-Bresson, H. O instante decisivo, *Cahiers de la Photographie*, Paris: ACCP, 1985, § 32, *apud* Linhares Filho, 2004, p. 139.

23. Kossoy, B. *O encanto de Narciso*, Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

24. Haas, E. Henri Cartier-Bresson: une vision lyrique du monde, *Cahiers de la Photographie*, Paris, n. 18, 1985, *apud* Linhares Filho, J. A. *Henri Cartier-Bresson: o acaso objetivo – propostas gráficas para uma análise comparada da fotografia no século xx*, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

25. Sontag, S. *Ensaio sobre fotografia*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

original, data e local, tivemos o cuidado de registrar o nome do fotógrafo ou fotógrafo não identificado. A exemplo do que outros estudiosos têm apontado, muitas são fotos anônimas. Kossoy (2020, p. 63)²⁶ fala da autoria da fotografia: “Toda fotografia é autoral por natureza, porque pensada, registrada e elaborada segundo a forma pessoal (técnica, cultural, estética, ideológica) de determinado fotógrafo ver, perceber e conceber o mundo”. Mas, de acordo com sua experiência, muitas são as fotos de autores não identificados, anônimos, não reconhecidos. Assim, também, muitas fotografias das teses e dissertações que analisamos são de autor não identificado.

No seu *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro*,²⁷ onde fotos de autores não identificados estão presentes, assim como de outros fotógrafos reconhecidos e identificados, Kossoy justifica porque fazer uma história fotográfica dos anônimos Kossoy (2020, p. 66):²⁸ “Basicamente, porque eles representam a massas dos artesãos da imagem, jamais mencionados por qualquer história”. E eles fazem parte da “memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento” (Kossoy, 2020, p. 66).

As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado. São as múltiplas relações sociais (culturais, técnicas, científicas, econômicas, políticas etc.) que constituem o objeto na sua totalidade. O exercício de compreensão da fotografia como fonte de pesquisa, além dos dados básicos de identificação, contexto e da análise dos aspectos formais, supõe a aproximação com os processos sociais que permitem explicitar a história que guardam em si, o que está oculto na aparência da representação fotográfica.

O tratamento historicizado dos objetos de conhecimento, como as fotografias, tem como fundamento o método da economia política e a história como produção social da existência, o que significa considerá-los na totalidade de que fazem parte. Encontramos na intertextualidade um procedimento adequado a esta premissa, no sentido de que buscamos em outros documentos informações quer nos aproximem, historicamente, do objeto de análise.

26. Kossoy, B. *O encanto de Narciso*, Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

27. Kossoy, B. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

28. Kossoy, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*, Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

A intertextualidade é de uso corrente nas artes literárias. Para Smoyalt Tiphine (2008, p. 18),²⁹ o termo teria sido criado pela filósofa Julia Kristeva, mas sua origem remonta a Mikhail Bakhtin: “Em todo texto a palavra introduz um diálogo com outros textos”. Seus estudos sobre o romance e as suas possibilidades de integração com componentes linguísticos, sociais e culturais “introduziram a ideia de uma multiplicidade de discursos trazida pelas palavras. O texto então aparece como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele distribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores” (Tiphine, 2008, p. 18).

Corrente nas artes literárias, a ideia também foi apropriada para a análise de obras das artes plásticas. Gerda Schütz-Foerste, em sua tese de doutorado, introduz a imagem como intertexto (Schütz-Foerste, 2004, p. 52):³⁰ “O processo criador põe o homem em diálogo com sua condição de ser social. Ao produzir artisticamente o homem estabelece uma intensa relação com a produção cultural de seu tempo”.

Também na música encontramos o uso da intertextualidade. Em seu trabalho, Filipe Rocha (2015, p. 90)³¹ aborda “a característica rítmica dualista do Jongo da Serrinha como elemento intertextual aplicado à música de concerto”. Rocha (2015, p. 91), com base em Andrews e Bernstein (1984),³² explica que “a principal ferramenta utilizada nesse processo composicional foi a intertextualidade, que em música diz respeito a criação de uma obra musical a partir de outra pré-existente”.

Para a historiadora Ana Maria Mauad (2004, p. 20),³³ pelo princípio da intertextualidade, “uma fotografia, para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou a ela concorrem para a produção da textualidade de uma época”. O que implica, para os historiadores, (Mauad, 2004, p. 20) “o levantamento da cultura histórica que institui os códigos de representação que homologam as imagens fotográficas no processo continuado de produção do sentido social”.

29. Tiphine, S. *A intertextualidade*, São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

30. Schutz-Foerste, G. *Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea*, Vitória: Edufes, 2004.

31. Rocha, F. A intertextualidade como ferramenta cognitiva na aproximação de jongueiros da Serrinha à música de concerto, *Anais do 14º Colóquio de Pesquisa do PPGM (UFRJ)*, vol. 2, Processos Criativos, Rio de Janeiro: UFRJ, 2015, disponível em: <<https://ppgmufjf.files.wordpress.com/2016/12/08-a-intertextualidade-como-ferramenta1.pdf>>, acesso em: 15 nov. 2022.

32. Andrews, B. e Bernstein, C. *A intertextualidade*, Carbondale: Southwestern Illinois University Press, 1984.

33. Mauad, A. M. Fotografia e história, possibilidades de análise, in: Ciavatta, M. e Alves, N. *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*, São Paulo: Cortez Editora, 2004.

A leitura crítica de autores que tratam da teoria da história ocupou-nos durante todo tempo da pesquisa, mas não cabe, nos objetivos desta apresentação, uma síntese desses estudos. Trazemos um dos historiadores, Reinhart Koselleck que, com outros referenciais teóricos, deixou um considerável legado sobre tempo e conceito, refletindo sobre aspectos que nos auxiliam a entender a teoria e a prática da história. Para ele, história e historiador não se separam, a história escrita está em relação com a experiência de vida de quem a escreve. Ele sintetiza essa ideia nos conceitos de experiência e expectativa. Prossegue Koselleck (2006, p. 308-309, grifo nosso):³⁴

Com isso chego à minha tese: *experiência e expectativa* são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.

Mas nossos dois conceitos não se encontram apenas na existência concreta da história, na medida em que a fazem avançar. Como categorias elas nos fornecem as determinações formais que permitem que nosso conhecimento histórico decifre sua execução. Elas remetem à temporalidade do homem, e com isto, de certa forma meta-historicamente, à temporalidade da história.

No mesmo texto, para Koselleck (2006, p. 308), embora experiência e expectativa sejam campos semânticos distintos, são campos relacionados, produzem “a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã”. De certa forma, a experiência das análises realizadas neste processo de pesquisa provoca a expectativa de crítica e de continuidade em outros estudos.

Um outro aspecto da recriação dessa memória temporal (tempo como movimento no espaço) é a visão e a emoção de seus receptores. Assim, somos nós, também, com nossas experiências e expectativas, como autores das análises do uso das fotografias como fonte de pesquisa, nas teses e dissertações do catálogo da Capes, que são objeto de estudo deste livro. Metodologicamente, não se trata de resumí-las, nem mesmo de fazer boas resenhas, mas de refletir, anotar e discutir o uso das imagens fotográficas na historicidade revelada nos objetos empírico-documentais específicos, nas diferentes temáticas encontradas sobre a produção do conhecimento histórico, a fotografia e os fotógrafos, a História da Educação e a História de Trabalho-educação.

Na pós-graduação, todo projeto de investigação, além do objetivo científico epistemológico, tem um lado formativo, abrir possibilidades de estudo para futuros mestres e doutores. Desde o início

34. Koselleck, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-RJ, 2006.

da pesquisa³⁵ procedemos à oferta de disciplinas e seminários semestrais no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, focalizando autores de referência sobre a fotografia e seus usos nas ciências humanas e sociais e na educação. Em 2020, devido à pandemia do covid-19 e à suspensão das atividades presenciais, continuamos as atividades por acesso remoto, concentrando o trabalho da equipe no *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*.³⁶

No período 1989 a 2012, identificamos, inicialmente, 732 teses e dissertações na grande área de ciências humanas que mencionavam a palavra fotografia. Selecionamos as opções de busca mais próximas ao tema do projeto: história, interdisciplinaridade, educação, ensino profissional, pela menção à palavra fotografia(s) (no título, no resumo ou nas palavras-chave).³⁷ Após sucessivos filtros, descartando subáreas e temas que estavam fora do objeto temático da pesquisa, chegamos à seleção dos trabalhos sobre os temas conhecimento histórico, História da Educação e História de Trabalho-educação.

Confirmados os que utilizavam a fotografia como fonte de pesquisa, primeiro organizamos todos os resumos em tabelas (autor, título, palavras-chave, instituição); depois captamos os textos integrais dos trabalhos que foram selecionados para análise, a partir da afinidade com o conhecimento e a experiência dos pesquisadores sobre determinados temas (Trabalho-educação, trabalhadores, assistência e educação de crianças e jovens, educação profissional, cultura, ciência, arte).

Elaboramos um roteiro de questões teórico-metodológicas básicas e cada pesquisador, individualmente ou com orientandos, fez a leitura da tese ou dissertação e apresentou à discussão suas questões principais: o tema e sua especificidade, o tempo-espaco e sua particularidade histórica, o contexto, a totalidade social, mediações e contradições, sujeitos sociais, fontes de pesquisa, questões teórico-metodológicas do tema e das fotografias e procedimentos de pesquisa. Seguiu-se a apresentação e discussão de uma primeira elaboração do trabalho, sua revisão e uma segunda apresentação com a versão

35. Ciavatta, M. *Da História da Educação à História do Trabalho-Educação: a fotografia como fonte de pesquisa histórica*, Niterói: UFF, 2017.

36. “A Capes iniciou a catalogação e teses e dissertações em 1987, mas só existem trabalhos com fotografias, nas áreas educação, ensino profissionalizante, história e interdisciplinar a partir de 1989. Dentro dos objetivos desta pesquisa, os estudos estão disponíveis nos seguintes períodos: (a) de 1989 a 2012, apenas o autor, título, ano de defesa, tese de doutorado ou dissertação de mestrado, instituição, cidade, biblioteca depositária; (b) de 2013 a 2019, além desses dados, traz *detalhes*: significa que podem ser abertos e acessados o resumo, as palavras-chave e o trabalho na íntegra”. Ver: Ciavatta, M. e Ferreira, S. N. Tutorial para pesquisa sobre teses e dissertações no catálogo da Capes, documento de trabalho, Niterói: UFF, 2020. A Biblioteca Central do Gragoatá da UFF estava fechada devido à pandemia. Outras teses e dissertações de interesse da pesquisa, não encontradas na íntegra digital, foram objeto de busca junto aos autores.

37. A exposição detalhada da metodologia utilizada, o tutorial sobre as buscas e os fundamentos da pesquisa, fazem parte do livro *A pesquisa com fotografias: roteiro para o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes* (em elaboração).

pré-final em seminários de pesquisa sobre fotografias.³⁸

Uma questão que nos chamou a atenção em muitos livros de história e de educação é o espaço restrito, em tamanho reduzido, que as imagens ocupam na distribuição das fotografias nas páginas, o que dificulta a compreensão dos detalhes visuais. Ou aparecem como pequenas ilustrações, em encartes no meio ou no final do livro, sem articulação específica com a escrita. Nas oito teses ou dissertações que selecionamos para este livro, metade delas tem algumas fotografias em tamanhos visualmente pequenos. Tratando a fotografia como fonte histórica, cuidamos para que sua inserção, além de identificada, esteja em tamanho que não comprometa a visibilidade dos detalhes³⁹ e seja numerada e articulada ao conteúdo do texto escrito.

Os capítulos que compõem o livro são produtos desse trabalho e estão dispostos em três grupos temáticos: primeira parte, “História de Trabalho-educação”; segunda parte, “História da Educação, Ciência e Cultura”; e terceira parte, “História, Fotografia e fotógrafos”.

A primeira parte, “História de Trabalho-educação”, cobre um conjunto de temas: a atuação sindical de trabalhadores técnicos; o trabalho ambulante no início do século xx; e espaços educativos e recreacionais de crianças e adolescentes nos anos 1950 e 1960. A História de Trabalho-educação está restrita a um número menor de teses e dissertações se comparada aos trabalhos de História da Educação, que cobrem um amplo leque temático. Mas a questão do trabalho, dos trabalhadores e de sua educação, é um núcleo de docência e pesquisa dos pesquisadores deste grupo.

Lukács (1978) trouxe uma contribuição fundamental a este campo de pesquisa, ao sentido do trabalho, quando trata das (1978, p. 1)⁴⁰ “bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem”. O trabalho (1978, p. 4) “enquanto base dinâmico-estruturante de um novo tipo de ser”, produto do desenvolvimento da reprodução dos seres inorgânicos, aos seres orgânicos da natureza, e destes à separação “dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência” (Lukács, 1978, p. 4), é o que nos faz humanos. Segundo o autor (Lukács, 1978, p. 4), “o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo já existia ‘na representação do trabalhador’, isto é, de modo ideal”, no pensamento.

38. Seminários de pesquisa sobre fotografia como fonte histórica (estudo independente supervisionado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, maio a julho de 2022).

39. Cuidamos para que seja de meia página se for horizontal e de cerca de dois terços de página se for vertical.

40. Lukács, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem, *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, n. 4, 1978.

Mas o trabalho e a formação dos trabalhadores também ocorrem em condições adversas, de submissão às exigências do mercado de trabalho, da desregulamentação das relações de trabalho e da perda de direitos sociais. Nesta pesquisa, o objeto de estudo se enraíza nas condições de vida, educação e trabalho na sociedade em que vivemos, no caso, o Brasil, uma sociedade de classes baseada na divisão social do trabalho e na apropriação privada, desigual, dos produtos do trabalho coletivo, expresso na riqueza social em bens e serviços (educação, cultura, ciência, tecnologia, arte, comunicação etc.). O que implica o conhecimento da realidade dos fatos, mas também de como é a sua história, a “representação escrita, o produto final da produção histórica” (Malerba, 2006, p. 23).⁴¹

Trabalho-educação é uma unidade que se expressa como questão ontológica, em que, pelo trabalho, homens e mulheres produzem os meios de vida, adquirem conhecimento e se educam para a vida em sociedade; é uma categoria epistemológica pela concepção de realidade, pelas categorias e conceitos próprios para tratar teórica e empiricamente os objetos de estudo; e é uma categoria histórica por ser tratada no espaço-tempo dos acontecimentos e de sua transformação pelos sujeitos sociais.⁴² Zemelman (1987)⁴³ lembra que a importância da questão do tempo está no fato de ser este um aspecto básico na constituição do objeto de pesquisa. É, portanto, um problema das ciências em geral e da filosofia em toda a história do pensamento.

Como em muitas outras questões, Marx não deu um tratamento teórico específico às noções de tempo e espaço, mas elas estão implícitas na sua concepção de realidade e no tratamento empírico e científico que ele dá aos assuntos de que trata. Tempo e espaço não são substâncias ou essências independentes, mas dimensões objetivas da realidade. Marx trata de um tempo da história construída por homens concretos, e da ciência da história que se constrói não como uma coleção de fatos heroicos ou curiosos, do passado, mas como uma investigação que parte dos problemas do presente para sua gênese no passado.⁴⁴

No primeiro capítulo deste grupo temático, Maria Ciavatta e Sânia Nayara Ferreira tratam da memória e história fotográfica das lutas de um sindicato de trabalhadores, o Sintuperj, no período 2000 a

41. Malerba, J. Teoria e história da historiografia, *A história escrita: teoria e história da historiografia*, São Paulo: Contexto, 2006.

42. Ciavatta, M. Trabalho-educação: a história em processo, in: Ciavatta, M. *A historiografia em Trabalho-educação: como se escreve a história da educação profissional*, Uberlândia: Navegando, 2019.

43. Zemelman, H. *Uso crítico de la teoría: en torno a las funciones analíticas de la totalidad*, México: UNU, El Colegio de México, 1987.

44. Ciavatta, M. *Mediações históricas de relação trabalho e educação: gênese da disputa na formação dos trabalhadores (1930-1960)*, Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.

2006, em uma tese de doutorado em Educação.⁴⁵ Escrevem sobre as bases conceituais e teórico-metodológicas da tese com foco nas fotografias; em segundo lugar, tratam da história do tempo presente do capitalismo, das continuidades nas políticas econômicas e sociais neoliberais (acumulação capitalista, flexibilização, perda de direitos, minimização do investimento público em favor dos interesses privados), e descontinuidades nas lutas dos sujeitos sociais que atuaram na defesa de seus direitos.

No segundo capítulo, Maria Augusta Martiarena e Clarice Schüssler estudam uma dissertação de mestrado em História sobre trabalhadores ambulantes, “homens de ‘pequenas profissões’”, no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século xx. São fotografias de revistas ilustradas e do fotógrafo oficial da prefeitura, Augusto Malta. Para a autora (Silva, 1998, p. 29),⁴⁶ “como personagens típicos deste cenário, [os trabalhadores ambulantes] integraram o vasto campo das representações sociais construídas sobre a realidade social daquele momento”. A análise da dissertação centra-se na perspectiva teórica e metodológica do uso da fotografia como fonte de pesquisa histórica.

No terceiro capítulo, Marcelo Lima e Lisia Cariello centram seu trabalho na análise crítica do uso das fotografias, em uma tese de doutorado em Educação sobre os espaços e serviços educativos e correccionais do SAM (Serviço de Assistência ao Menor), no período 1959–1961.⁴⁷ A história apresentou notável avanço no século xx. Ocorreu a ampliação do conceito de fonte histórica e das imagens, incluindo as fotografias para o estudo do passado. Neste trabalho, é abordada a fotografia como memória coletiva, o fotojornalismo e a fotorreportagem na imprensa, e o papel do Estado no fotodocumentarismo sobre a situação contundente do atendimento a crianças pobres e/ou consideradas infratoras.

A segunda parte do livro é dedicada à história da educação na sua pluralidade temática, sobre educação, ciência e cultura. Do ponto de vista da natureza do próprio ato de educar, a pesquisa em educação traz consigo uma dupla finalidade: primeiro, a questão epistemológica dos subsídios para a análise dos fenômenos educacionais e de sua historicidade; segundo, a questão cultural e ética dos processos de escolarização e das políticas educacionais. A pesquisa em História

45. Benáchio, R. *A reconstrução histórica do movimento de trabalhadores técnico-administrativos através da fotografia*: Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas Estaduais do Rio de Janeiro (Sintuperj), tese de doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

46. Silva, R. A. dos S. *Homens de “pequenas profissões”*: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do Rio de Janeiro no início do século xx, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

47. Müller, T. M. P. *A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa*: imagens da imprensa e do Estado do cotidiano de crianças e adolescentes do Serviço de Assistência ao Menor (1959–1961), tese de doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

da Educação, no Brasil, recebeu notável desenvolvimento nas últimas décadas, acompanhando as transformações de outras áreas do conhecimento. As análises aqui apresentadas são parte da historiografia da educação, entendida como a reflexão que os historiadores fazem sobre o próprio fazer historiográfico. Os temas são a atuação cultural do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), no período 1973–1985; uma expedição científica europeia no Brasil, no final do século XIX; e a memória e história da educação profissional na rede federal de escolas profissionais e técnicas (1909–1985).

Começamos este grupo temático com o quarto capítulo. Francisco das Chagas Silva Souza, Elvira Fernandes de Araújo Oliveira e Ana Paula Marinho de Lima analisam a tese de doutorado de Silva (2018, p. 8)⁴⁸ que investiga, “a partir da tessitura das histórias e memórias, como os sujeitos do sertão alagoano experienciaram e ressignificaram as ações culturais desenvolvidas pelo Mobral em um contexto de Ditadura Civil-Militar”. Na primeira parte do texto, analisam os processos sociais que deram forma às ações culturais do Mobral, particularmente através de fotografias de acervos privados; na segunda parte, dedicam-se a tratar o uso das imagens do ponto de vista teórico, como fonte histórica, utilizando os conceitos de mediação e de totalidade social.

No quinto capítulo, Renata Reis analisa o uso da fotografia como fonte histórica no trabalho intitulado *A serviço da ciência: a fotografia como instrumento da pesquisa científica na Expedição Thayer (1865–1866)*,⁴⁹ dissertação de mestrado em História, de Clarissa Franco de Miranda. O objeto de estudo são a produção, utilização e apropriação das imagens nas expedições científicas no século XIX e o uso de técnicas fotográficas pelo método empirista. A primeira seção tem como foco o naturalista Louis Agassiz, seus propósitos científicos e políticos na expedição que organizou; a segunda seção trata do uso da fotografia; na última seção, foram selecionadas algumas imagens que levantam questões sobre os processos de colonização e a escrita da história do Brasil.

No sexto capítulo, Olívia Morais de Medeiros Neta, Ísis de Freitas Campos e Francisca Leidiana de Souza dedicam-se a estudar a tese de Rosângela Aquino da Rosa,⁵⁰ cujo tema é a cultura material expressa na coleção de fotografias da comemoração do centenário da rede federal de escolas profissionais e técnicas. Rosa propõe-se a reconstruir a história presente nas fotografias. Considera o contexto histórico das

48. Silva, J. C. *A memória dos esquecidos: narrativas dos sujeitos partícipes das ações do Mobral cultural no sertão de Alagoas*, tese de doutorado em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

49. Miranda, C. F. de. *A serviço da ciência: a fotografia como instrumento da pesquisa científica na Expedição Thayer (1865–1866)*, dissertação de mestrado em História, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

50. Rosa, R. A. da, *A cultura material da educação profissional, a memória e a história de sua transformação: o acervo de fotografias da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (1909–1985)*, tese de doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

relações trabalho-educação, a totalidade social e as fotografias como mediações da cultura material da educação profissional e a memória de sua transformação no período 1909 a 1985, que cobre do começo da experiência republicana brasileira até o final da Ditadura Militar (que se estendeu de 1964 a 1985).

A terceira parte trata da história, fotografia e fotógrafos, os trabalhadores da fotografia, especificamente, os fotógrafos profissionais, no caso, o francês Henri Cartier-Bresson e o (franco)brasileiro Marc Ferrez. São comuns os estudos sobre a fotografia, mas não sobre os fotógrafos, salvo livros de fotos, cronologias de vida, sequência de atividades. Uma referência importante para pensar sobre trabalho e trabalhadores é Edward P. Thompson (1987, p. 17),⁵¹ autor de “o fazer-se da classe operária”, o que implica conhecer a atividade desenvolvida e as relações de trabalho no contexto da sociedade capitalista.

É importante notar que os estudos encontrados vinculam, acertadamente, o fotógrafo a seu tempo, à cultura, aos valores, às possibilidades técnicas e sociais com o trabalho. A invenção da fotografia e as atividades dos primeiros fotógrafos têm precedentes na Revolução Burguesa e na Revolução Industrial, a partir dos séculos XVII e XVIII. A formação da sociedade capitalista e o desenvolvimento de técnicas e processos, com base nas ciências da época, impulsionaram as invenções e descobertas do século XIX (entre outras, máquinas a vapor, radioatividade, lâmpada elétrica, automóvel, aeroplano, fotografia, fonógrafo, telefone).

Com a invenção da fotografia, nasce atividade profissional de produzir fotos. Para os pintores, a nova técnica competia na arte da produção de retratos de personalidades, de famílias. Liliana Lanzardo (1999), estudando as representações do mundo do trabalho, chama a atenção para as dificuldades culturais da época (Lanzardo, 1999, p. 3, tradução nossa): “Embora se visse a nova invenção um instrumento de reprodução mecânica da realidade visível, ela não devia desviar-se dos cânones estéticos, formais e de conteúdo da ‘arte’”.⁵²

No Brasil, embora nos primórdios os fotógrafos não tivessem relações de trabalho regulamentadas em termos de proteção social (direitos autorais, direito a cachês etc.), a profissão foi exercida desde a segunda metade do século XIX: “Fotógrafos imigrantes recém-chegados ao país estabeleceram-se como fotógrafos de propaganda, de arquitetura, fotógrafos industriais, editores de cartões postais etc., utilizando conhecimentos técnicos e estéticos adquiridos no exterior” (Krauss, 2013, p. 67).⁵³ Mas, desde seu início, a fotografia tornou-se uma nova possibilidade “de conhecimento, instrumento de poder e

51. Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão*, vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

52. No original: “*Malgrado si vedesse nella nuova invenzione un instrumento di fidele riproduzione del reale visibile, essa non doveva comunque discostarsi dai canoni estetici, formali e contenutistici dell'arte*” (Lanzardo, L. *Dalla bottega artigiana alla fabbrica*, Roma: Editori Riuniti, 1999, p. 3).

53. Krauss, V. W. *Laboratório, estúdio, ateliê: fotógrafos e ofício fotográfico em São Paulo*, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

sedução” (Kossoy, 2012, p. 22)⁵⁴ que veio se ampliando até a fotografia digital, ao acesso amplo, hoje, pelos celulares, mesmo às pessoas mais modestas. Mais, talvez, do que a escrita e os livros, a imagem fotográfica e os fotógrafos têm uma inserção social que chega aos lugares mais remotos.

No sétimo capítulo, Maria Ciavatta, Olívia Morais de Medeiros Neta e Rosângela Aquino da Rosa fazem a análise da dissertação de Linhares Filho⁵⁵ que teve, como tema, as fotografias de Henri Cartier-Bresson. A arte do grande fotógrafo francês é convergente com seu tempo, as primeiras décadas do século xx. Para apreender a complexa problemática do fotógrafo repórter e artista, as autoras buscam identificar as duas lógicas presentes no texto: a lógica da prática fotográfica de Cartier-Bresson: a edição, o instante e o momento decisivo; e a lógica analítica da dissertação: primeiro, o homem Henry Cartier-Bresson; segundo, as linhas e planos, o negativo retangular, a proporcionalidade clássica, o visor e a distância certa; terceiro, o acaso objetivo onde situa-se “o instante decisivo”, o golpe e o ângulo de visão; quarto, o tiro fotográfico.

No oitavo capítulo, transcrevemos o exercício metodológico sobre o fotógrafo Marc Ferrez (Barros, 2004),⁵⁶ do historiador José Lúcio Nascimento Júnior (*in memoriam*), o qual não pode dar continuidade ao trabalho, vítima da pandemia do covid-19, em meados de 2021. Embora não seja um capítulo elaborado como os demais, justifica-se pela pertinência e qualidade teórico-metodológica com que o autor desenhou o estudo da dissertação, um exemplo de metodologia de análise histórica: o tema e sua especificidade, o tempo-espço e sua particularidade histórica; categorias e conceitos como o contexto, a totalidade social, as mediações e contradições das relações sociais entre os sujeitos sociais; as fontes de pesquisa, questões teórico-metodológicas do tema e das fotografias; procedimentos de pesquisa e referências bibliográficas para o estudo.

54. Kossoy, B. Um olhar sobre o Brasil: uma reflexão, *in*: Kossoy, B. e Schwarz, M. M. *Um olhar sobre o Brasil: a fotografia na construção da imagem da nação (1883-1903)*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

55. Linhares Filho, J. A. *Henri Cartier-Bresson: o acaso objetivo – propostas gráficas para uma análise comparada da fotografia no século xx*, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

56. Barros, M. G. M. *Entre o exotismo e o progresso: a construção do Brasil pela fotografia de Marc Ferrez*, dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

Agradecimentos

Não poderíamos concluir esta apresentação sem agradecer às pessoas e instituições que tornaram viável a pesquisa para a elaboração deste livro. O trabalho foi possível graças à Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida pelo CNPq. À Universidade Federal Fluminense agradecemos as bolsas de Iniciação Científica e o acesso remoto durante a pandemia para a realização dos seminários de pesquisa que permitiram a participação de pesquisadores do Nordeste (UFRN, IFRN), Sul (IFRS) e Sudeste (Ufes, UFF). Aos coordenadores do grupo These,⁵⁷ Prof. Gaudêncio Frigotto, Prof.^a Marise Ramos e Prof.^a Eveline Algebaile, reconheço a importância de nossos seminários sobre estrutura e conjunturas sociais, políticas e educação, para situar os temas da pesquisa, ao longo dos anos de trabalho conjunto. A Jorge Luiz dos Santos Silva pelas intervenções “salvadoras” nas inúmeras dificuldades tecnológicas digitais.

Agradeço aos autores dos textos, particularmente, Francisco Chagas, José Lúcio Nascimento (*in memoriam*), Lisia Cariello, Marcelo Lima, Maria Augusta Martiarena, Olívia Neta, Renata Reis e Rosângela Rosa que, junto a alguns orientandos, contribuíram para o trabalho formativo de novos pesquisadores, auxiliaram na identificação das teses e dissertações, na seleção dos temas e na elaboração dos artigos. Para tanto, foi fundamental ao apoio das bolsistas de Iniciação Científica, ao longo de 2018 a 2022: Luiza Espíndola de Oliveira, Maria Clara Beyonce e Darién Bragança Peralta. Agradeço o apoio da Auxiliar de Pesquisa Sânia Nayara Ferreira (hoje doutoranda e coautora).

Outros reconhecimentos tem origem diversa, dizem respeito às etapas de minha “iniciação” no universo da fotografia: a meus pais, José e Ermelinda que atenderam a meu desejo de ter uma máquina fotográfica, uma Agfa, aos 15 anos; ao fotógrafo Vicente Ciantar (anos 1970) que me ensinou a ver a beleza e a criação da fotografia; ao Prof. Guttman da Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá que me deu as primeiras fotografias para pesquisa (anos 1980); a meu filho Estevão que me apresentou a Benjamin e à tradição milenar de ver umas coisas nas outras, de investigar a complexidade do real na imagem fotográfica (anos 1990); às arquivistas e aos sindicalistas do *Archivio Storico* da CGIL em Bologna, Itália, que me abriram a história do trabalho e da educação nas fotografias de trabalhadores

57. Grupo These – Projetos Integrados de Pesquisas sobre Trabalho, História, Educação e Saúde (UFF, Uerj, EPSJV, Fiocruz).

(anos 1990 e 2000), aos professores Aída Romero (*in memoriam*) e Davi Romero do Centro de Memória Museu da Companhia Têxtil Brasil Industrial, de Paracambi, que me abriram arquivos da memória do valor econômico e afetivo do trabalho no sentimento inefável de suas fotografias (anos 2000).

Aos meus filhos Mariana, Lucas e Estevão por dividirem comigo as novas ideias de sua geração; a Antonio Carlos, companheiro amoroso e presente em todas as horas.

Rio de Janeiro, julho de 2022.